

SOL DESCALÇO

Carlos Cardoso

1ª edição



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2021

APRESENTAÇÃO

Em boa hora nos chega este *Sol descalço*, de Carlos Cardoso, depois do reconhecimento recebido por *Melancolia* (Record, 2019), vencedor do prêmio de poesia da Associação Paulista de Críticos de Artes. *Sol descalço* nos permite descortinar as fontes mais originárias da sensibilidade poética de Carlos. Se *Melancolia* evidenciava maturidade técnica e temática, composta por um corpo orgânico de poemas em torno do tema-título e das metáforas que o representavam (a principal sendo a figura da pedra), o presente volume é mais como um palimpsesto, em que podem ser discernidas camadas diferentes da evolução do poeta.

Um poeta que não *luta* com as palavras, como Drummond. Apega-se a elas como boias salvadoras em pleno perigo de naufrágio. Temos aqui uma poesia rascante, sem concessões ao sentimentalismo banal, mas que não deixa de mirar o amor.

À primeira vista este *Sol descalço* parece marcado por menor teor de organicidade que *Melancolia*. A leitura atenta nos revela, porém, no miolo do livro, uma sequência de poemas fortemente articulados entre si. Ela incita o leitor a dividir a matéria do volume em três momentos. O momento inicial, introdutório, é formado

pelos sete primeiros poemas do livro. Neles, o poeta apresenta sua poética, seu conceito de poesia, seu modo de vivê-la.

Em seguida, temos a eloquente sequência que constitui o miolo do livro. Seu coração, seu núcleo. Ela vai de “Eu serei noite e serei dia” (p. 37) até “Eu sigo a esmo” (p. 59). Alguns dos poemas nessa sequência, eles próprios seriais, integram o que há de melhor no cenário da poesia contemporânea brasileira. Refiro-me a “Tudo é pequeno demais para caber nas asas dos anjos”, “Um corvo no caldeirão da morte”, “O caminho dos cavalos”, “Sagrada fosse a fome” e “Eu sigo a esmo”.

Recebo a informação de que tais poemas estão entre os textos mais antigos de Carlos, escritos ainda na adolescência. Na visão deste que prefacia, sua força poética está na linguagem mais discursiva, nos versos mais longos que o prevalecente no restante da produção de Carlos, voltada para a depuração formal. Em poética, a lei da depuração reza: menos é mais. Elipse, lacuna, afasia. Afastamento da linguagem comum pela sintaxe e pelo sentido, não pelo vocabulário nem pelo registro discursivo.

No presente volume, a poética da depuração está presente nos poemas iniciais e nos finais. O contraste, aqui tão nítido, entre ela e uma poética da discursividade e do verso mais longo, mostra-se mais complexo e diverso. Tanto num quanto noutro existe uma riqueza mais dúctil de ritmos, a partir de um exercício de depuração consolidado que não mais teme ou se opõe a uma poética clássica do verso.

* * *

Vejamos a sequência inicial de *Sol descalço*. O livro é colocado sob a égide da “pureza do sacrilégio” já no poema de abertura: “que os dias acumulem-se// não na incerteza,/ mas na pureza do sacrilégio.” (p. 21). Temos aqui, portanto, reafirmada a proposta de uma poética do sacrilégio que se soma à da depuração. Ou seja, o discurso poético se apresenta como desafio ou provocação à norma religiosa. Extensivamente, a toda norma, desafiando amiúde as regras da regência gramatical.

E há a enigmática *pureza* nesse sacrilégio. O que seria a pureza do sacrilégio, já que este, por definição, pertence à ordem do impuro? No prefácio que escreveu para o livro de 2017, Silviano Santiago apontava para o caráter de *oximoro* da expressão criada por Carlos. Oximoro: um termo se opondo frontalmente ao outro num mesmo enunciado — pureza, sacrilégio. Na leitura de Silviano, o oximoro seria força semântica definidora do modo de operar a linguagem praticado por Carlos.

O oximoro, na sua convivência dramática de termos opostos, pressupõe sempre uma quebra de expectativa. Ele é quebra de expectativa. Outro exemplo encontramos logo nas duas primeiras linhas do mesmo poema de abertura: “Que caia o amanhecer,/ o raiar do entardecer” (p. 21). O amanhecer cai como a tarde, a tarde raia como o amanhecer. A expectativa de sentido é desobedecida pela inversão. Quebras de expectativa são constantes de verso a verso e de estrofe a estrofe na poesia de Carlos Cardoso.

A decodificação da noção de pureza começa pelo que ela tem de análogo com as opções formais do poeta. Além de incidir sobre o verso, a depuração é depuração do sacrilégio.

Afirmemos: em *Sol descalço*, o dado de pureza é o sacrilégio cometido antes de ser reconhecido como tal, similar ao pecado da criança que não sabe o que é pecado. A criança é imagem recorrente nos poemas deste livro, como em “Brincando” (p. 23): “o silêncio é minha arte/ e o criei assim, brincando.” (p. 24). Vemos que o poeta presta homenagem ao fundamento lúdico de certa ideia de poesia na modernidade. A ideia de que a raiz do poético é análoga ao olhar livre da criança, frente ao mundo e à linguagem. Lemos, no mesmo poema: “talvez as palavras me fujam/ e eu me disfarce de criança,/ o silêncio é meu pecado/ e meu verso, a esperança.” (p. 23).

O poeta apenas se *disfarça* de criança. Finge ser o que deveras é? Mais à frente, ele se autoqualificará de “atrevido” (p. 27). A pureza é o sacrilégio disfarçado, entre o silêncio e o verso. Não se trata portanto do sacrilégio da blasfêmia e da ofensa e sim de um silêncio distanciado, de um afastamento, talvez involuntário, descompromissado do som e da fúria do mundo. Estamos longe da sátira. Estamos diante de uma ludicidade compenetrada, introspectiva, construída, mas não totalmente indisponível. Frente ao abismo da introspecção, o verso é tênue esperança, pela abertura via palavra.

* * *

Na sequência de poemas formada por “Sussurros”, “Unha crescendo na carne crescendo na unha”, “Poeira que ferve”, “É que o vento cresce à medida que o vento sopra” (p. 29-35), a importância da palavra sobressai sobre a autodefinição do poeta. Em “Sussurros”, a palavra é “pingo no escuro” (p. 29),

em “Unha crescendo na carne crescendo na unha”, é “palavra qualquer contento” (p. 31), em “Poeira que ferve” é “Palavra ancorada no peito, / pássaros, pássaros” (p. 33). Finalmente, no poema “É que o vento...”, os versos talvez mais conhecidos de Carlos: “eu amo os poetas e a poesia porque são belos,/ e as coisas, porque são brutais” (p. 35).

Não temos razão de duvidar que a poeira que ferve não seja a poeira cósmica e que o vento autoinsuflante não seja o vento do espírito. Ocorre, porém, que “há uma dor mineral em meu corpo” (um belo verso). Em torno do cosmo, do espírito e do corpo mineral desdobrar-se-á a poética de Carlos Cardoso. Pois é com esses dois poemas, o da poeira e o do vento, que o livro dá o salto para o que foi aqui chamado de “miolo” do volume (não no sentido do objeto físico livro, mas do texto em si, do conteúdo). O miolo que, se minha hipótese for correta, revela a motivação originária do talento poético de Carlos Cardoso.

Motivação sacrílega, em aguda fricção e afastamento do discurso religioso. As referências se sucedem, totalmente desfocadas, deslocadas, descontextualizadas, mas não satirizadas nem achincalhadas, são ecos do religioso que fragmentariamente pontuam a palavra poética de Carlos Cardoso: “tenho uma outra face”, “o sermão de Maria”, “sobre o meu corpo/ repousa a ferida”, “flagelo”, “o fel e um córrego de leite”, “vermelho chão do inferno”, “redoma de fogo, objeto de Cristo/ cruz fincada no desespero”, “fábulas de chuva/ sob o grito dos anjos”, “o útero de Cristo” (aqui nos aproximamos da blasfêmia), “manto dominical,/ todos a comer e beber/ a semente da hipocrisia,/ Deus?/ E tudo é pequeno demais,/ ‘oh, Criador’,/ para caber nas

asas dos anjos.” A partir da parte II do poema “Tudo é pequeno demais para caber nas asas dos anjos”, a referência cristã abre espaço a fugazes cenas pagãs (adoração do bezerro), embora termine com “do sangue/ das palavras crucificadas.” (p. 46).

Na contracorrente da poética da depuração, emerge um eco de fervor apocalíptico que vai num crescendo até chegar ao belo poema “Um corvo no caldeirão da morte”, dedicado a nada mais nada menos que Dylan Thomas. O tom desse poema relativamente longo sobre a morte ecoa a fluidez eloquente da poesia do galês, o que verificamos também na primeira parte de “O caminho dos cavalos” e no poema “Eu sigo a esmo”. Do anjo, ao corvo, aos cavalos — estes por algum motivo me trazem a memória de Ivan Junqueira, o poeta da melancolia e dos embaldes embates da subjetividade. O presente prefaciador (apreciador) considera salutar no cenário intelectual da poesia brasileira a presença dessa poética atravessada pela exaltação de um *pathos*, certamente contido.

Abordar a morte é introduzir o tema do fim. Fim dos tempos, fim da vida, fim da herança paterna, fragmentação da palavra religiosa. Nesse plano, a poesia de Carlos Cardoso, de ideias que se fragmentam e imagens que se acumulam, tem por pano de fundo a indagação existencial, presente e ausente, presente na ausência. Tal inquietação vem com força total nos poemas “Sagrada fosse a fome” (p. 57) e “Eu sigo a esmo” (p. 59). Em “Sagrada...” o Senhor (o pai, o Deus, a Lei) é que é qualificado — denunciado — de “sarcástico”. “Eu sigo a esmo” é um poema de redenção.

* * *

Para encerrar, vale a pena, depois do percurso, no fechamento do exemplar, voltar a seu título. O “sol descalço” me sugere qualidades da poesia de Carlos. A começar pelo despojamento, inclusive das sandálias da humildade, que no entanto estão presentes pelo tom menor e introspectivo adotado. Uma poesia que busca a transparência, a luz paradoxalmente cegante do sol, tendo por instrumento exploratório a valoração calma da densidade existencial das palavras.

Italo Moriconi

Que caia o amanhecer,
o raiar do entardecer,

que os dias acumulem-se,

não na incerteza,
mas na pureza do sacrilégio.

Brincando

Talvez as palavras me fujam
e eu me disfarce de poeta,
o silêncio é minha casa
e a construo em linha reta.

Talvez as palavras me fujam
e eu me disfarce, cortejante,
o silêncio é uma pedra
e a chamo diamante.

Talvez as palavras me fujam
e eu me disfarce de criança,
o silêncio é meu pecado,
e meu verso, a esperança.

Talvez as palavras me fujam
e eu me disfarce, assim, amando,
o silêncio é minha arte
e o criei assim, brincando.

No meio da pedra

para Carlos Drummond de Andrade

No meio da pedra tinha um caminho
tinha um caminho no meio da pedra
tinha um caminho
no meio da pedra tinha um caminho

há pouco lembrei-me desse acontecimento
na vida de minhas retinas não tão fatigadas
há pouco lembrei-me que no meio da pedra
no meio da pedra tinha um caminho.

Pavilhão imaginário

A inviolável arte
da tragédia é humana,
múltiplas metáforas
do poeta atrevido,

desordem de palavras
nesse universo de cores,
imagens taciturnas
rajadas dos olhos,

pavilhão imaginário
a fatiar a carne em espírito.

Sussurros

Gritos sem paixão,
sussurros.

Homens,
mulheres a implorarem perdão.

Amor aportado no muro,
eloquente, intransigente e duro,

e a palavra, pingo no escuro,
chora, razão sem urros

— sussurros.